



S. M. EL-REI D. CARLOS I

# D. CARLOS I

El-Rei D. Carlos é, na serie dos soberanos portugueses, uma figura de impressiva grandeza.

Morreu no seu posto! Essa morte é para o soldado uma gloria.

Perdeu a vida no exercicio da sua profissão! E ser victima do proprio officio é para o operario um honroso destino.

Os Reis são a um tempo soldados e operarios. Soldados, tem por encargo defender o seu povo. Operarios, trabalhar para o bem estar da nação.

Quando uma bala traiçoeira lhes atravessa a farda no campo de batalha, ou a ferramenta lhes cahe da mão exanime no labutar da officina, podem dormir tranquillamente o ultimo somno, conscientes de terem cumprido com honra a sua missão cá no mundo. O crime que os victimou gerará a sua apothose.

Testemunha da vida de El-Rei D. Carlos, e testemunha da sua morte, a minha contribuição como elemento de futura historia terá, á falta de revelações espectaculosas, ou de enfeites litterarios, o interesse das coisas simples, e o valor das palavras verdadeiras.

Quando, na tragica jornada do dia 1 de Fevereiro, me coube a dolorosa incumbencia de acompanhar o cadaver do soberano, durante o trajecto entre o Arsenal e as Necessidades, e enquanto sentia, encostado sobre mim, o seu pesado vulto, que apresentava o aspecto de quem dormia profundamente, sem que o acordassem nem o tropel da cavallaria que nos rodeava, nem o bater das espadas nos estribos, nem todo esse ruído que ia quebrando o silencio soturno das ruas, onde a população estacava, petrificada, com assombro, vendo passar o funebre cortejo, eu ia recordando invencivelmente, n'uma synthese rapida, mas de lucida visão, as phases ora angustiosas, ora consoladoras (que tambem as teve) do seu reinado de 18 annos.

Evocava as festas da sua coroação, atravessadas, como presagio sinistro, pela noticia da morte da Imperatriz do Brazil, no Porto. E via-o moço, de aspecto garboso e imponente, que tanto fazia lembrar seu avô Victor Manuel, lendo com voz sonora, que era um privilegio seu, as palavras do juramento.

Via-o, pensativo e preocupado, acompanhar cuidadosamente os incidentes d'esse periodo inquietador que seguiu o *ultimatum*, e em que elle logo revelou o seu tacto diplomatico, que tanto contribuiu para a solução honrosa do conflicto.

Via-o, geitoso manejador de animos, procurar solução ás successivas crises com que, pela morte de Fontes (no reinado anterior), um dos partidos monarchicos vinha enfermado de doença que abalou o organismo d'essa collectividade, e toda a politica portugueza.

Via-o recebendo soberanos e principes, *charmeur* e captivante, fallando a cada um na sua lingua; conversando com cada qual na especialidade das suas tendencias espirituas; recordando, com a sua memoria brigantina, factos interessantes, episodios de familia; e, sem esforço, ir fazendo de cada hospede um amigo, e de cada amigo um aliado.

Via-o nas côrtes estrangeiras brilhar pelo seu pluriforme saber, pelas suas multiplas aptidões, pela sua assimiladora intelligencia; e via-o, pela simples força da sua attrahente individualidade, conquistar a *sympathia* dos monarchas que visitava, assim como a admiração dos sabios e dos artistas que d'elle se approximavam.

A recepção no *Muséum*, em Paris, por occasião da sua visita official áquella capital em 1905, marcou um numero d'uma excepcional e lisonjeira significação, inteiramente inedito nos programmas habituaes dos festejos dedicados a monarchas estrangeiros.

N'essa sessão, em que discursaram os Principes da Sciencia Franceza, as suas palavras foram escutadas com admiração, collocando-o bem alto no conceito d'esse congresso pleno de intellectualidades consagradas.

Via-o anteriormente, nas negociações laboriosas que precederam o convenio com os credores externos, desenvolver uma actividade arguta e perspicaz, e com a sua intervenção pessoal ajudar e facilitar poderosamente a missão dos nossos habéis agentes diplomaticos em Berlim, Londres e Paris, de que resultou, com a assignatura d'aquelle diploma, o levantamento do nosso credito.

Via-o metter hombros á difficil tarefa da reorganisação e militarisação do exercito, do qual sempre foi soldado e chefe. Sem apparatusos armamentos, conseguiu fazer esse instrumento maravilhoso que emprehendeu as gloriosas campanhas d'Africa, e que nos collocou perante a Europa como sendo capazes de manter o secular dominio colonial.

Via-o finalmente, legitimo representante d'um povo eternamente sebastianista, confiar n'uma acção mesianica, da qual esperava beneficos resultados...

E' cedo para fazer historia.

Mas quando a geração de amanhã der o balanço aos fastos d'este reinado, seja qual fôr o criterio que presida á avaliação dos actos do Rei, ha de encontrar, como determinante invariavel e constante do seu proceder, a divisa do infante D. Henrique, que escreveu na sua empreza:

*Talant de bien faire.*

CONDE DE SABUGOSA.

---

## D. CARLOS DE BRAGANÇA

PINTOR

N'um album consagrado á obra artistica e á obra scientifica do rei D. Carlos, publicado por iniciativa editorial de Jorge Colaço, Antonio Palhares e Roiz Torralba, escreveu Ramalho Ortigão um commovido estudo, que é ao mesmo tempo a apothose da terra portugueza e a do artista que tão eternicamente a interpretou pela pintura.

E' d'essa monographia que, com a devida venia, recortamos os seguintes trechos:

.....  
O que elle elege do mundo e da natureza para no afaço da transcrição artistica concretisar a sua pessoal maneira de sentir e de pensar perante a misteriosa sugestão das coisas, é o mar da costa de Por-

tugal, é o estuário do Tejo, é a bahia de Cascaes, e é a sua provincia do Alemtejo na mais rustica e mais popular expressão da simples vida agraria.

As suas paizagens são commovidas evocações do torrão alentejano e da campina do Ribatejo, dos logares, dos casaes, dos montes, das vastas cearas, da charneca perfumada a esteva, a rosmaninho e a urze, e da estreita e ondeante estrada carreteira, amarelenta, empoeirada, pospontada de piteiras, trilhada pelo carro alpendrado, de duas rodas, engatado a mulas de arreo arabe, ariscas e nedias, em direcção ao povoado longinquo, de que sobresaie no ceu, scintillando ao sol, o campanario azulejado da egreja matriz.

E os motivos reproduzidos pela pintura, dándonos na revivescencia da arte uma sensação tanto ou mais viva do que a experimentada perante a realidade da natureza, communicam-nos a recordação e a saudade de todas as coisas que com essas se conjugam, prefazendo toda a vida de uma região, da qual um quadro nos não dá mais que uma inductiva particula. — «Aqui — dizia Whistler, fazendo o fundo a uma figura — suspenderei de um prego uma ferradura de cavallo: o publico verá a parede, que escuso de pintar, e d'essa parede deduzirá o ambito da casa toda.» Assim na obra de todo o pintor ha o que elle nos mostra e o que elle nos conduz a descobrir e a vêr. Atravez e em torno de uma duzia de quadros de D. Carlos — dos seus paúes e dos seus mouchões ribatejanos, das suas lezirias, das suas manadas de gado bravo, dos seus sobreiros, das suas eiras, dos seus farrageaes, das suas malhadas, das suas reuniões de caçadores n'uma clareira de carrascal, pela friagem da madrugada, em fraternal farrancho de campinos, de abegões e de moços, de escopetas atabafadas debaixo de mantas de Minde ou de capotes de cabeção, de ceifões e botifarras de mato, entre cavallos arreados de almatriça e estribos de pau, podengos, cestos merendeiros e alforges abarrotados — presente-se toda a evolução rural da região. Adivinha-se o labor do amanho e do grangeio da terra, o arroteamento, a lavra, a sementeira, a monda, a ceifa, a debulha, a poda, a empa e a vindima. Tem-se a impressão olfatica das hortas, ao cahir da tarde, pelo verão, quando as noras gemem, a rega borbulha nas geiras esterroadas, e todo o ambiente, docemente refrigerado como a agua em bilha nova, se impregna dos picantes e aperitivos «cheiros», que vão perfumar as ôllhas e as saladas: a hortelã, a salsa, os coentros, a pimpinella e o cebolinho novo.

Como marinlista, D. Carlos é o pintor inesgotavel dos mares portuguezes e d'essa portentosa bahia de Cascaes, o mais radiante trecho de belleza aquatica que eu creio que exista no mundo. A inflexão da terra tem ali a doçura do mais carinhoso amplexo, e a conjunção luminosa do mar e do ceu na sua fluidez de saphira, é em certos dias e certas horas de um tão profundo e intenso effeito hypnotico que, vendo ao lume d'agua adejar a sinuosa e argentea revoada das gaivotas, a imaginação enleada pergunta em spasma se não são essas as pombas brancas do monte Erix, esvoaçadas do friso dorico do seu templo, em demanda da empavesada e florida trireme hellenica que em apothese olympica

nos traga, esculpida por Phidias, a divina imagem de Amphitrite, a mãe da belleza e do amor, aquella de quem o poeta disse: Deante de ti, ó Deusa, os ventos recuam, as nuvens dissipam-se, as vagas sorriem, e todo o ceu pacificado resplandece na luz do teu olhar.

Nesse mar, em frente do terraço da cidadella, não navegou durante annos embarcação d'alto bordo, de pesca ou de cabotagem, cuja forma e cuja fisionomia, de uma ou outra vez, não fosse reproduzida graphicamente e não ficasse inscripta nos registos do applicado obreiro cujo olhar, do interior d'essa habitação regia, por algum tempo as envolveu, como a luz benigna dos faróes, na terna inquirição da arte.

Sobre essa consideravel accumulção de trabalho desvelado, perseverante, sorridente e humilde, viverá de uma sobrevivencia impercível o espirito que o concebeu. E com esse espirito commungarão n'um ideal collectivo de sympathia todos os corações portuguezes, sem distincção de seita ou de partido, acima de todas as miserrimas contaminações da terra.

Nasceu este delicado e amavel artista aos 28 dias do mez de setembro de 1863. Morreu assassinado em Lisboa no dia 1 de fevereiro de 1908.

Amargamente me sorri a convicção melancolica de que, se hoje lhe fosse dado resuscitar, elle querria morrer outra vez. Sómente preferiria de certo que o tornassem a matar em logar mais propicio ao respeito da morte.

Se a mim, obscuro artista, fosse licito emitir votos pelo destino do que materialmente resta na terra d'esse confrade illustre, eis como em nome da arte, dos que a cultivam e dos que a presam, eu ousaria pronunciar-me:

Que o despenem do pantheon de S. Vicente, de uma ambiencia opressora, suspeitosa e mesquinha; e piamente o sepultem á sombra amiga de uma azinheira dos seus montados, para que seja leve a generosa terra da patria áquelle que, por tantas intimidades de convivencia, por tantos impulsos de coração, por tantos carinhos d'arte, exuberantemente demonstrou consagrar-lhe um immortal amor!

RAMALHO ORTIÇÃO.

## EL-REI D. CARLOS I BOM PATRÃO

Interrogado um dia certo philosopho sobre quem seria o primeiro, isto é, o maior, o mais notavel homem do mundo, elle respondeu: «Não sei onde está, nem como se chama, mas sei que o melhor homem será o primeiro homem. O que tiver mais virtudes e mais bondade, esse será o primeiro dos primeiros.»

El-Rei D. Carlos, a quem os inimigos, sem o conhecer e só por birra politica, chamaram *egoista* e *tyranno*, era pessoa d'uma enorme bondade. Que o



Homenagem d'O THALASSA



Homenagem á memoria d'El-Rei D Carlos e do Principe D. Luiz  
Medalha (por concluir) executada por D. Fernando de Almeida

Photografia gentilmente cedida pelo auctor ao Thalassa

digam todos aquelles que alguma vez se approximaram d'elle para prestar o menor serviço.

Desde pequenino foi o encanto dos seus creados. A doçura com que Elle pedia as cousas, sempre por favor e com um sorriso, mais parecia um pedido de perdão por ter incommodado alguém.

As aias tinham pelo Real Menino uma ternura muito parecida com o que as mães verdadeiras costumam ter pelo filho bem amado.

Uma d'essas senhoras, a Senhora D. Antonia da Camara, que vive ainda, mas soffrendo de molestia aggravada sobremaneira na tarde do regicidio e a quem não se pode fallar em El-Rei D. Carlos sem lhe provocar uma commoção tremenda, conta passagens que teem a eloquencia das cousas verdadeiras para deixarem ver bem a bondade do então pequenino Principe Real.

Foi crescendo o nosso saudoso Principe d'essa epocha e sempre insinuando-se no coração de quem o servia.

Uma vez, sendo alferes de lanceiros 2, resolveu fazer no quartel o serviço como qualquer outro official. A partir d'essa occasião, em cada companheiro creou o Principe um amigo. Entre sargentos e soldados arranjou dedicações taes que duram ainda hoje. Dois d'estes pagaram já nos ferros da republica o amor que guardam á memoria do Real official do seu esquadrão.

Para El-Rei tudo era bom e achava sempre que o trabalho dos outros era perfeito.

Quantas vezes nas caçadas, as batidas eram mal organisadas e as cousas se passavam ao contrario do que devia ser. Os coelhos, as perdizes, os gamos fugiam das esperas.

A culpa era dos batedores e sobretudo de quem os dirigia. Os companheiros de passeio protestavam. Algum mais intimo chegava a resmungar e não du-

vidava de fazer chegar uma queixa até El-Rei, que sorria sempre e procurava encontrar uma desculpa para os humildes.

Um velho cozinheiro que de longa data ganhára fama na especialidade de fazer almoços para caçadas e que nos tempos idos trabalhára para D. Pedro V e para El-Rei D. Luiz, e que tinha um justificado orgulho do seu trabalho, recebera d'El-Rei D. Carlos a encommenda d'um celebre arroz de coelho. O velho, talvez commovido, deixou queimar ligeiramente o pitéu.

Só os convidados se queixaram, e quando a noticia do desastre chegou aos ouvidos do velho artista, logo elle veio choroso e tremulo perante o neto de D. Maria II, para quem já fizera canjas, pedindo humildemente perdão. O Rei, sempre com o tal sorriso da bondade, poz a mão no hombro d'aquella alma afflicta e disse-lhe: «Deixa lá fallar quem falla, Manuel, o arroz de coelho quer-se com uma pontinha de fumo. Assim é que eu gosto d'elle.»

Um creado adoeceu uma noite e o Rei mandou-o logo deitar-se, e quando, já tarde, tinha de passar pelo quarto do doente, tirava as botas de militar para não o acordar com o barulho dos passos.

Ao *trop de zéle* do policia que tratava d'afastar com violencia o carroceiro esfarrapado e descalço, trazendo pelo freio um cavallo meio morto puxando carroça pesada e talvez embaraçando a passagem da carruagem Real, o proprio Rei dizia: «Deixe-o lá, coitado. Eu não tenho pressa». E virando-se para quem trazia ao lado, acrescentava: «Quem sabe lá se o pobre homem terá dormido bem e se já terá comido hoje.»

E era sempre assim El-Rei D. Carlos. Conhecia bem todos os servidores e conhecia-os pelo seu nome.

D'um anno para o outro, em Mafra ou em Villa Viçosa, o Rei perguntava a um creado pela saúde d'um filho que no anno passado soubera doente e lembrava-se do nome do rapaz.

E quando sabia que a filha d'um outro creado interrompera as lições de musica por não ter onde tocar, lá mandava um piano á rapariga.

Casos parecidos com estes poderia eu contar duzias, e seriam esses apenas os que eu conheço.

A sua bolsa despejava-se todos os dias. Dava o que tinha e o que não tinha.

Era assim que o *tyranno* tratava os humildes, era assim que o *terrível egoísta* se privava muitas vezes do que apreciava para socorrer os necessitados.

Pela vida fóra El-Rei D. Carlos foi sempre alem do preceito evangelico e quiz mais ao proximo do que a si proprio.

Só queria que as pessoas a quem eu conto estas verdades podessem comparar esta maneira de ser do Rei de Portugal com a de certos industriaes milionarios ou até com a de certos presidentes e directores de Companhias poderosas, que tratam os subordinados como cães e levam o seu ridiculo até ao ponto d'exigir que elles se lhes dirijam na terceira pessoa. «Monsieur le Président vent-il?» Monsieur le Directeur a-t-il donné des ordres.» Assim é obrigação fallar áquelles senhores, e ai do plebeu que não cumpra as ordens do potentado.

Por isso, quando por ventura um dia estivesse esquecido o Rei-Sabio, o Rei-Artista, o Rei-«Sportsman», o Rei-Orador, o Rei-Navegador, o Rei-Diplomata, o Rei-Rei, estaria ainda na memoria de quantos o approximaram o vulto do que foi, acima de tudo, o Rei Bom Homem, o Rei Carinhoso para quem o servia, do Rei que foi o Patrão Ideal e Augusto.

THOMAZ DE MELLO BREYNER.

## D. CARLOS PATRIOTA

Commemora-se, hoje, o 6.º anniversario do passamento do Senhor D. Carlos.

N'este curto estadio de seis annos, que, na vida das nações, pouco mais será de seis dias, que longo caminho percorremos no ingreme desfiladeiro das desgraças e das miserias!

Recolha-se, no dia de hoje, cada um que nasceu n'esta terra de Portugal, metta a mão na consciencia e ouça-lhe a voz de verdade... se não fôr de todo surdo ás suggestões da realidade palpavel e da justiça emanante, não será sem a vista turvada por um nevoeiro de lagrimas, por onde fusilam coriscos de indignação e ribombam trovões de remorso, que encarará a tremenda, a cannibalesca sanguieira do Terreiro do Paço.

Os ultimos annos de reinado, consagra-os El-Rei D. Carlos ao engrandecimento do seu povo e da sua terra.

Desde os seculos xv-xvi que esta nação não tivera tão alto prestigio, perante as demais nações, como aquelle que, mercê das qualidades excelsas de politico e de gentil-homem que adornavam a

pessoa do rei, Portugal obteve nos primeiros annos do seculo xx.

Descoberto o caminho marítimo para a India, e descoberto o Brazil, ambicionaram a amizade e a alliança do Venturoso Rei do occidente europeu, Fernando de Aragão, o imperador Carlos V, Henrique VIII, rei de Inglaterra, Francisco I, rei de França, a Republica de Veneza. E não era de admirar: o sol nunca se punha nos dominios do rei portuguez...

D. Carlos, pelo contrario, ascende ao throno com a brutalidade do *ultimatum* de Salisbury e, volvidos escassos annos, tudo se transmuda. Lisboa recebe as visitas dos maiores potentados da terra e o nosso paiz, na pessoa do seu mais alto representante, é acolhido carinhosamente e com excepçoes honras nas maiores capitães da Europa. Portugal era um valor e o Tejo coalhava-se das mais poderosas esquadras, que casavam a nossa bandeira com as suas bandeiras, nos topes dos seus mastros, enquanto as bocas de dezenas de canhões e de milhares de marinheiros troavam, aos quatro ventos, a sua e a nossa gloria, n'um fremito de epepeia.

Mas a obra do Rei ainda se não tinha completado. A sua argucia de politico e de diplomata reservava para o seu paiz uma mais retumbante consagração.

El-Rei preparava-se para ir ao Brazil apertar solidamente, definitivamente os laços de familia e interesses, existentes entre os dois povos, porventura um tanto desnastrados com a queda do imperio de Pedro II. O que seria essa viagem? Se os preparativos que se fizeram, se os programmas que se elaboraram, se as quantiosas sommas que se consumiram, se o entusiasmo que se desenvolveu nas regiões officiaes, sob o influxo intelligente e habil de Rio Branco, nas associações nacionaes e nas da colonia portugueza e até nos individuos de todas as classes, pois que todos á uma, n'uma solidariedade jamais excedida, conjugaram esforços e desenvolveram actividades, se de tudo isto se pode inferir o que deveria ser essa viagem e os resultados reciprocos que d'ella adviriam, por certo, o acto que o Senhor D. Carlos ia praticar enfloraria de modo exuberante a sua corôa de rei e a sua obra de patriota eximio. Mas como tudo isto se via e se sentia e todos nós — povo de Portugal — lhe ficaríamos devendo muito... matámo-lo.

Nos seus *Récits épiques*, conta-nos François Coppée a historia de Sennachérib, rei da Assyria, que depois de ter vencido a Chaldéa, os Medas, os judeus, de ter feito a riqueza do seu povo, de ter povoado de palacios Nínive e de se ter assenhoreado de Babilonia, concedeu a seus filhos as mais prodigiosas regalias e as grandezas mais deleitosas. Ora, um dia em que elle passeava a cavallo pelas margens do Tigre, assaltou-o a duvida pungente de não ser amado por aquelles a quem tanto bem fizera, como elle proprio os amava. Depressa, porém, arrojou para bem longe a impossivel, a importuna ideia...

*Cette nuit-là, ses deux fils aînés l'égorgerent*

1914, 1 de fevereiro.

HEMETERIO ARANTES.



S. M. EI-REI D. LUIZ II

### NO SEXTO ANNIVERSARIO

Chamou-lhe a Historia Principe da Beira  
antes que historia o seu viver tivesse...  
e não passou d'um dia que amanhece  
o decorrer da sua vida inteira.

Quiz a morte, com sanha traiçoeira,  
que todo o seu destino se perdesse  
quando á luz matinal ondeava a messe  
e rescendia a flor da amendoeira.

Mas na sua gelada sepultura,  
o tempo, que tão celere deslisa,  
intacta vae deixando a formosura

que mais a nossa magua divinisa,  
e mudamente em nossa dor perdura  
como um sonho que não se realiza...

BRANCA DE GONTA COLAÇO.